

NOSSO TEATRINHO

UMA ROSA SEM PERFUME  
~~ROSENIATA GOS DO MANTO~~

HISTÓRIA E REALIZAÇÃO DE ÉRIGO CRAMER

LINDA  
KATIA  
VÍCIOS  
GUY  
FISY  
ELEN  
CARMELITO  
ODETE  
TANIA  
Cabrera

DISTRIBUIÇÃO:

|                    |            |  |    |
|--------------------|------------|--|----|
| X CHEFE DA ESTAÇÃO | (WALDEMAR) | <del>WALTER SANTOS</del> - JORCELY MARQUES | OK |
| X ANACLETO         | ✓          | NELSON GIANUCA                             | OK |
| ROSINHA            | ✓          | <del>WALTER SANTOS</del> - MARLENE NERY    | OK |
| ALMERINDA          | ✓          | <del>WALTER SANTOS</del> - MARZA OLIVEIRA  | OK |
| TICO               | ✓          | <del>WALTER SANTOS</del> - ODILON          | OK |
| PALMIRA            | ✓          | PAULA                                      | OK |
| CLEMENTINO         | ✓          | NELSON SILVA                               | OK |
| X CATARINA         | ✓          | MERCEDES - CARLIA                          | OK |
| MILTON             | ✓          | JÚLIO FLÁVIO                               | OK |
| X ADELIA           | ✓          | <del>WALTER SANTOS</del> - SILVIA LUCIA    | OK |

CENÁRIOS:

- 1º) - SET DE RANCHO DE TAIPA COBERTO DE ~~TA~~ PALHA, COM PORTA, PEQUENA JANELA E BANCO DE TRONCOS.
- 2º) - SET DE PEQUENA ESTAÇÃO DO INTERIOR COM PORTA, GUICHET ONDE ESTARÁ ESCRITO "PASSAGENS" E PEQUE NA GARE SOBRE PRATICÁVEL. **RELÓGIO ANTIGO EMBOTIDO**
- 3º) - PEQUENO QUARTO DE PENSIONATO, PARA DUAS PESSOAS. JANELA COM VENEZIANA NA PAREDE DO FUNDO, PAREDES LISAS À DIREITA E ESQUERDA E FUNDO DE BOSQUE.
- 4º) - RECANTO DE JARDIM, COM BANCO EM BAIXO DE CARAMANCHÃO.

DATA DA APRESENTAÇÃO..... 1º/12.60



NOSSO TEATRINHO

~~ROSINHA ACORDOU TARDE~~ UMA ROSA SEM PERFUME

HISTORIA E REALIZAÇÃO DE ÉRICO CRAMER

SLIDES:

ÁUDIO: PREFIXO MUSICAL

- 1º) TV PIRATINI apresenta
- 2º) em NOSSO TEATRINHO
- 3º) ~~ROSINHA ACORDOU TARDE~~ UMA ROSA SEM PERFUME
- 4º) com.....
- .....
- 5º) .....
- .....
- 6º) .....
- .....
- .....
- 7º) .....
- .....
- .....
- 8º) CENÁRIOS DE EMIL SZELINSZKY
- 9º) Iluminação .....
- 10º) Contra regra.....
- 11º) Sonoplastia de.....
- 12º) Assistente Antonio R. Fagundes
- 13º) Suite Jorge Teixeira
- 14º) História e Realização de E.Cramer

ÁUDIO - DISSOLVE

ABERTURA em DET de violão nas mãos de Clementino, preto velho que está sentado no banco de troncos, à frente do Rancho de Rosinha. Na janela está Rosinha e na porta Palmira.

VIOLÃO - TOCA EM SOLO O "LUAR DO SETÃO"

AFASTAMENTO até P.G. da CENA

ILUMINAÇÃO EFEITO DE NOITE COM LUAR BEM FORTE.

- SET DE RANCHO DE ROSINHA -



PALMIRA E ROSINHA ESCUTAM POR ALGUNS  
MOMENTOS A MÚSICA DO VIOLÃO. ELA PARA.

CORTE

P.A. dos DOIS

ROSINHA - Que pena, Crementino, tava tão bunito! Toca mais pra gente uvi.

CLEMENTINO - Toca nada, Rosinha, tá na hora é da gente drumi. Amanhã de minhã, bem cedinho, o trabaio tá aí esperando a gente. Garanto que nhá Palmira já tá com vontade de oiá pra drento; num tá, não?

CORTE

P.A. de PALMIRA, na porta

PALMIRA - Bão, qué dizê... eu tava gos tando, num é? Mas que eu tô cansada do trabaio eu tô. Num posso dizê que não.

AFASTAMENTO até enquadrar Clementino.

CLEMENTINO SE LEVANTA E FICA COM O VIOLÃO NA MÃO. (VAI LEVAR COM ELE)

CLEMENTINO - Pois antão o nego véio vai andando, que os pelego memo tão lá no garpão insperando ele.

ÁUDIO - CACHORRO LATINDO A ALGUMA DISTÂNCIA.

CLEMENTINO - Uai, xente, vem chigando arguem lá na portera, quem será?

CLEMENTINO FICA OLHANDO PARA A CÂMERA

CORTE

P.F. de ROSINHA, na janela, gritando para a Câmera.

ROSINHA - Para com isso, Batoque. É cusco bem novento esse diabo. Nunca vi pra fazê barulho como esse sarnoso.

ALMERINDA - (F.Q. - afastada) Ó de casa.

CORTE.

P.A. de PALMIRA e CLEMENTINO na porta.

PALMIRA - A Armirinda nessa hora da nou te! Que terá acunticido, meu Deus?



ROSINHA - (projeta) Entra Armerinda. Quagi  
que tú pega a gente nas páia. Que acunteceu  
ALMERINDA ENTRA PELA CÂMERA, MEIO AFOBA  
DA. FALA DE COSTAS.

ALMERINDA - Eu vim avisá meceis que o Corone  
né Paminonda ~~bateuxaxapaduxax~~ ...

CORTE

ALMERINDA SENTA NO BANCO, OFEGANTE

P.P. de ALMERINDA

*d'aqui* → *Palmira @ que e que tem o Corone Paminonda?*  
ALMERINDA - Eu vim tão digero de lá do  
rancho inté aqui, que acho que nem levei  
~~is~~ que deiz minuto. *To botaudo o crevo proffem.*

CORTE

PALMIRA VAI PARA PERTO DELA.

P.A. de PALMIRA E ALMERINDA

*Fala muiê. O tempo que tu tá descul  
fala outras coisa deis o que acunteceu*  
PALMIRA - Que e que tem o corone Paminonda  
que tú num disse, Armerinda?

ALMERINDA - O Coroné Paminonda, bateu a rapa  
dura.

*Aideis - Acorda frágico em fundo.*

PALMIRA - Morreu o coroné Paminonda, Arme  
rinda? Tú tem certeza?

ALMERINDA - Tenho, sim. Nem faiz nem meia  
hora, forum lá no rancho buscá o pai pra i  
na vila mandá fazê o caxão. Disse que deu  
uns borbuio aqui no peito - lá nele - que  
o home cumeço a roncá e a corcoviá em riba  
dos pelego, di repente foi arrevirando os  
óio, arrevirando os óio e passô. Quando se  
dero bem conta, ele já tava do lado de lá.

CORTE.

P.A. de CLEMENTINO

CLEMENTINO - Coitado do Coroné. Era um home  
de pocas conversa, mas era boa arma. Quem  
deve de tá munto triste é o Nacreto. O Na  
creto, bem dizê, era como fio dele.

CORTE

ALMERINDA

ALMERINDA - Era sim. Pois o véio num tinha  
ninguem, se garrô no Nacreto. Diz que inté  
o Nacreto é que vai ficá de dono das terra  
dele tudo. Foi por isso que eu vim digero



ALMERINDA - (CONT) mode avisá a Rosinha. P, dia ela querê i lá aconsolá o Nacreto.

CORTE

P.P. de ROSINHA, displicente, na janela.

ROSINHA - Num vô, não. Mecê sabe que eu X num gosto dos arreganho do Nacreto pro meu lado, que bobage é essa?

ALMERINDA LEVANTA E VAI À JANELA

P.A. de ROSINHA E ALMERINDA

ALMERINDA - Pois é, mas agora o Nacreto vai sê rico, Rosinha. Num te insquece.

PALMIRA ENTRA EM QUADRO E SE COLOCA PERTO DA JANELA TAMBEM.

PALMIRA - É minha fia. Ele vai ficá de dono da estância do Coroné Paminonda. Tu num véve dizendo que tinha vontade de sai do meio do mato? Era o causo de aceitá o Nacreto e i simbora pra cidade que tú fala tanto.

CORTE.

P.P. de ROSINHA, pensando. Olhar de cobiça.

ALMERINDA -- (F.Q.) Agaranto que se tú dis sé pra ele que só casa cum ele si ele deixá tú morá na cidade, que ele deixa.

CORTE

P.P. de CLEMENTINO

CLEMENTINO - Minha fia, o nego véio vai metê a cuié tolta na cunvelsa. Mecê num gosta do Nacreto, veve dizendo que ele parece um patetão e parece memo. Si casá-se cum ele sem gostá, só pru causa dos dinheiro é munto pirigoso. Mecê num tem o direito de enganá os outro. Deus num gosta e castiga. Veje lá.

CORTE.

P.P. de ROSINHA com o olhar ilumina do pela ambição, olhando longe.



APROXIMAÇÃO até G.P. de ROSINHA

FUSÃO com: Gaiola de passarinho pendurada numa árvore, noutro canto do mesmo set.

ÁUDIO - PASSAGEM MUSICAL

ILUMINAÇÃO-EFEITO DE MANHÃ DE SOL.

ÁUDIO - PÁSSAROS CANTANDO

PAN. HOR. para o Banco de troncos, onde estão sentados ROSINHA E ANACLETO. ELE É CAIPIRA BOBAIÃO.

ANACLETO ESTÁ RISONHO MAS ACANHADO E NERVOSO, ENROLANDO QUALQUER COISA NAS MÃOS. ROSINHA MOSTRA IMPACIÊNCIA.

ROSINHA - Fala, Nacreto. Faiz mais de meia hora que eu tô esperano e tú num di simbuxa? Tu num disse pra Armirinda que quiria falá cumigo?

CORTE.

P.P.de ANACLETO, risinho nervoso

ANACLETO - Disse.

CORTE  
P.P.de ROSINHA

ROSINHA - E tú tem memo alguma coisa pra falá?

CORTE  
P.P. de ANACLETO

ANACLETO - Tenho.

AFASTAMENTO até P.A.dos DOIS

ROSINHA - E nesse causu praquê tú num fala, em vez de tá aí enrolando os dedo?

ANACLETO - Praquê eu tenho vregonha.

ROSINHA - Vregonha é robá, óriessa. Tú num vai dizê cousa feia; tu vai?

ANACLETO - Deus me livre!

ROSINHA - Pois entonce praquê tú num te garra logo na corage e num bota tudo pra fora? Diz logo o que tú quiria dizê.

ANACLETO - Mecê já sabe, num sabe?

ROSINHA - Carculo.



CORTE

P.P. de ROSINHA

CORTE

P.P. de ANACLETO

CORTE

P.A. dos DOIS

CORTE

P.P. de ANACLETO

APROXIMAÇÃO até G.P. de ANACLETO,  
risonho e acanhado.

FUSÃO com G.P. de TICO, moleque cai  
pira, desdentado; sentado na gare da  
estação.

AFASTAMENTO até P.A. de TICO coçando  
os dedos dos pés e olhando para um de  
terminado ponto.

*PERTO DELE UM BALAIO COM DOZES.*

ANACLETO - Puis entonce num sacrificá, Ro  
sinha.

ROSINHA - Tú qué se casá comigo, num é?

ANACLETO - (rindo) Si dé no geito...

ROSINHA - Óia, eu vô dizê uma cousa pra  
mecê, Nacreto. Eu posso me casá cum mecê,  
mais premero mecê tem que me mandá na ci  
dade, ficá lá uns tempo, mode aprendê a  
lê, inscrevê e deixá de sê bicho. Si mecê  
faiz isso, eu caso, doutro geito num dá.

ANACLETO - Por essas ingigência a gente  
num vai deixá de se acertá, Rosinha. De  
todos os modo, o Croné Paminonda - que Deus  
Nosso Sinhô tenha ele munto tempo lá em  
riba sem nóis - me dexô tanto dinheiro  
que o geito é memo gastá; num é?

ANACLETO - Si o causo é só esse de mandá  
mecê eu já mandei.

AUDIO - PASSAGEM MUSICAL

AUDIO - RUIDO DE TREM E APITO JÁ AFASTADOS  
E SE DISTANCIANDO CADA VEZ MAIS. (O TREM  
ACABOU DE SAIR E VAI A UNS VINTE METROS)

TICO - É cousa bem triste quando um home  
deixa uma muié apialá ele nos pé ditraiz.  
Óia só o geito do Nacreto. Parece intê que  
a Rosinha deu agua de banho pro home bêbê.



CORTE.

P.A. de ANACLETO, de lenço na mão, abanando, triste, na direção que o trem vai.

CORTE.

P.A. de TICO

TICO - Os otro tudo que viero trazê ela já foram simbora, o bobaião ficô saculejando o braço com o lenço na ponta. Ela nem tá mais vendo ele. (chamando) Nacreto, para Nacreto Mecê pensa que os óio da Rosinha pode vará os caminho? Nessa hora ela já num tá vendo mais nada que ficô pra traiz.

CORTE.

P.A. de ANACLETO que para de abanar, passa o lenço discretamente nos olhos e se aproxima de TICO

P.A. de TICO E ANACLETO

ANACLETO - Eu vô sinti uma farta dela, rapaziz...

TICO - Pruquê mecê deixô ela i simbora, ariessa?

ANACLETO - Ela quéé instudá, qué sê gente.

TICO - Óia, Nacreto, qué sabê duma cousa? Eu é que num tenho nada com isso. Cada um, cada um, mas muié sabida pra mim num servia. As que num são já imbrua a gente.

CORTE

P.A. de CHEFE DA ESTAÇÃO, na porta que dá para a gare.

CHEFE - Tico, tú qué ganhá uns trocado?

CORTE

TICO SE LEVANTA RÁPIDAMENTE

P.A. de TICO

TICO - Ora que prigunta, seu Walrdemá. In da mais hoje que eu num vendi nem um doce pra remédio. Uns miserávi que passaro no trem que Deus me livre!

CHEFE VAI ATE TICO E FICA JUNTO DELE

P.A. de TICO E CHEFE.



CHEFE - Vieram dois caixote pro armazem do seu Lautério. Tû leva lá que ele te paga o sarreto.

TICO ENTREGA O BALAIO PARA O CHEFE

TICO - Tá. Entonce mecê quarça o ~~meu balão~~ balaio que eu vorto pra vendê os doce no trem das cinco.

TICO ENTRA PELA PORTA DA ESTAÇÃO.

O CHEFE OLHA PARA ANACLETO E FAIA.

CHEFE - Ainda tá por aqui, seu Anacleto?

CORTE

P.P. de ANACLETO

ANACLETO - Tô. Parece que ficando por aqui eu num tô tão longe da Rosinha.

CORTE.

P.A. de CHEFE e ANACLETO

CHEFE - Diga uma coisa, seu Anacleto: o senhor não acha perigoso a Rosinha solta lá pela cidade?

ANACLETO - Sorta, nada, seu Wardemá. Ela nu vai ficá sorta. Vai pra uma casa de ermã. Só pode sai duas veiz por semana e tem que vortá cedo.

CHEFE - Ah bueno, assim é diferente.

ANACLETO - Doutro geito eu num deixava que eu num sô trouxa, oriessa.

CHEFE - E ela vai demorá muito por lá?

ANACLETO - Ela me disse que qué um ploma. Dispois que ela armã esse ploma ela me premeteu que dá vorta. Mas parece que isso dimora; num é seu Wardemá?

CHEFE - É... uns dois ano pelo menos eu acho que leva.

CORTE.

P.P. de ANACLETO

ANACLETO - Que vale que a gente trabalhando passa digero. A gente nem sente. Quando se dá conta já passô.

APROXIMAÇÃO até G.P. de ANACLETO.



ÁUDIO - PASSAGEM MUSICAL

FUSÃO com G.P. de ROSINHA, toda arrumada, conversando com Adelia.

- QUARTO DE PENSIONATO -

AFASTAMENTO até P.A. das DUAS

ADELIA - Você vai sair com o Milton?

ROSINHA - Vou, mas ele vai ficar lá na esquina por causa da Mãe. O caipira mandou escrever para ela, não sei o que foi que disse que ela agora anda me controlando.

ADELIA - Ele deve ter reclamado o que você gasta, Rosinha. É uma barbaridade! O homem tem que desconfiar que ele não é trouxa.

ROSINHA - Ele tem bastante, pode gastar até o dobro. Eu não ia deixar o Milton desistir dos estudos por não poder pagá-los, tendo toda a facilidade de pagar os estudos dele.

ADELIA - Só os estudos? O que se comenta é que até roupa você dá pra ele.

CORTE

P.P. de ROSINHA, queimada.

ROSINHA - Pois é verdade mesmo. Dou e ninguém tem nada com isto, pronto. Nós somos noivos, vamos nos casar quando ele estiver formado e eu não acho nada de mal ajudar uma pessoa que precisa.

CORTE

P.P. de ADELIA

ADELIA - Bom, eu também não acho mal ajudar a quem precisa, mas não da maneira como você faz: com o dinheiro alheio e ainda traindo a pobre vítima.

CORTE

P.P. de ROSINHA, enjoada

ROSINHA - Ora, Adelia, deixe de ser puritana. Você não sabe que os trouxas nasceram para serem explorados pelos espertos? O que



CORTE

P.P. de ADELIA, significativa

CORTE

P.A. das DUAS

ROSINHA - (CONT.) é melhor? Ser trouxa ou ser esperta? Eu, por mim, prefiro ser esperta.

ADELIA - E eu, por mim, prefiro ser digna e honesta.

ROSINHA - Como assim? Se você pensa que existe algo mais entre mim e o Milton, está enganada.

ADELIA - A honestidade não está situada apenas nesse particular, Rosinha. A gente pode ser deshonesta de muitas maneiras. A sua é uma.

ROSINHA - Ih você está impossível hoje, Adelia. Parece a Irmã Tereza com as suas lições de moral.

PAN. HOR. acompanha ROSINHA.

ROSINHA VAI PARA A JANELA, ABRE-A E ESPIA PARA A ESQUINA. DÁ UM ABANO E TORNA A FECHAR A JANELA.

ROSINHA - O meu amor já está lá. Tchau, "Irmã Tereza". (dá uma gargalhada e sai)

CORTE

P.P. de ADELIA, olhando na direção em que ela saiu.

APPROXIMAÇÃO ATÉ G.P. DE ADELIA

ADELIA - Palavra de honra que eu às vezes tenho vontade de escrever ao noivo dela e contar tudo que está se passando aqui. O coitado lá, na maior boa fé, mandando, e mandando dinheiro e ela aqui a gastar com um rapaz sem eira nem beira que há de se casar com ela mas custa. Além de ser mais moço do que ela, a cara está dizendo o viveracho que ele é.

ÁUDIO - PASSAGEM RÁPIDA.



7,00 os dois? que dois?

FUSÃO com: G.P. de Anacleto, sentado no banco da estação tendo nas mãos uma carta fechada.

AFASTAMENTO até P.A. de ANACLETO.

- SET DE PEQUENA ESTAÇÃO -

ANACLETO - Tá dimorando esse diacho dese trem. Tombem... o dia que ele num dimorá a gente tem que mandá sortá uns foguete.

OLHA PARA O RELÓGIO DA ESTAÇÃO

CORTE

DET. do RELÓGIO marcando quatro horas da tarde.

CORTE

P.A. de ANACLETO, no banco

ANACLETO - São quatro hora, ele divia de chegá um mucadinho mais ante do meio dia... Já tá com uns risquinho de atrazo.

LEVANTA, VAI NO RELÓGIO E MEDE UM PALMO NO MOSTRADOR.

ANACLETO - Tá <sup>com</sup> ~~sem~~ um parmo <sup>de atrazo</sup> ~~atrizado~~. Sem tirá nem butá. Que vale que eu já tava insperano isso memo, já truxe inté o armoço pra cumê ele aqui. E já tô atrazado, tombem, pra cumê o armoço.

ANACLETO BOTA A CARTA NO BANCO, PEGA UMA CESTA QUE TEM NO CHÃO, TIRA UM FARINEL COMPLETO, ATÉ GARRAFA COM AGUA, E COMEÇA A COMER. CATARINA ENTRA EM CAMPO, AFOBADA.

P.A. dos DOIS.

CATARINA - Tú já mandô a carta, Nacreto?

ANACLETO - (mastigando) Mandei, não. O marvado num passô. Agora arresorvi armoçá praquê ele num vem memo. Tá servida, Catarina.

CATARINA - Brigado, Nacreto, já armoçei faiz hora.



ANACLETO -- O que é que tú veio fazê na  
instação, inda que mar prigunte?

CATARINA -- Puis eu vim, mode que dispois  
eu me alembrei duma cousa e fiquei afrita.  
Mecê me pediu pra inscrevê a carta desman  
chando o noivado cá Rosinha, num foi?

ANACLETO -- Decerto. Pois se ela andava me  
fazendo de bobo. Me mandaro intê retrato  
dela de braço com um daqueles armofadinha  
de lá. Mecê acha que ia ficá quieto?

CATARINA -- Decerto que não. Por isso me-  
mo me ofrici logo pra inscrevê. Eu inscre  
vo máli, máli, mas dá pra lê. Vai daí eu  
quiz xingá ela de açanhada, mas acho que  
não botei a colinha no cê. Nesse caso ela  
vai pensá que mecê inda feiz inlogio pre  
ela, chamando ela de açanhada. Pur isso  
eu vim digero pra cunfiri.

ANACLETO SEMPRE COMENDO E OUVINDO

ANACLETO -- Pode vê. A carta tá aí. O mar  
vado intê agora inda num passô, num mandei  
ela.

CATARINA ABRE A CARTA, PROCURA, EXAMINA

CATARINA -- Ó, tá vendo? Eu disse que eu  
tinha me insquicido de butá o rabinho no  
bicho. Ficô deferente. Ficô "vancê é uma  
moça muito açanhada." (Faz o sinal da  
cruz) Deus que me perdôe.

CATARINA TIRA UM LÁPIAS DO BOLSO, MOLHA-O  
NA BOCA E FAZ UMA RABIOSCA NO PAPEL.

CATARINA -- Pronto. Agora já com o pendru  
caio num tem mais gre-gre nem gregório.  
É açanhada memo.

CATARINA TORNA A BOTAR A CARTA NO ENVELO-  
PE E DEPOIS DE MOLHAR FECHA-O NOVAMENTE  
E SE SENTA EM CIMA DA CARTA.



CATARINA - Tú tá triste de triminá o com premisso cum ela, Nacreto?

CORTE

P.P. de ANACLETO, limpando um osso com os dentes.

ANACLETO - Óia, pra dizê memo a vredade nem tô ligando. Eu já tava acostumado ca osência dela; nem me faiz mofa.

CORTE

P.A. de CATARINA, se encostando to da em Anacleto, risonha e desageitada.

CATARINA - Que bão! E dum causo tu pode tá certo. Eu num / vô fazê tú de paião que nem ela.

ANACLETO SEM OLHAR PARA ELA EXTENDE O BRAÇO E COLOCA O OSSO À FRENTE DA BOCA DE CATARINA QUE TIRA UM PEDAÇO DE CARNE E FICA MASTIGANDO TODA RISONHA.

APROXIMAÇÃO até G.P. de CATARINA

ÁUDIO - PASSÁGEM MUSICAL

FUSÃO com: G.P. de ROSINHA, indigna da, tendo na mão a carta aberta de Anacleto.

- RECANTO DE JARDIM COM BANCO -

ROSINHA - Sempre há de aparecer um boi corneta para se meter na vida da gente. Você viu só?

AFASTAMENTO até P. A. de ROSINHA E MILTON, ele play boy vivinho.

MILTON - O diabo, em tudo isso, é a grana do caipira. Pra falar bem a verdade, o que interessa mesmo é geito. Não há geito de fazer com que ele continue pingando?

ROSINHA - Que geito? Pois se até um retrato de nós dois abraçados mandaram pra ele... Ele não quer saber de mais nada.



MILTON - Sujeito miserável! Mandar uma ordem de trinta mil cruzeiros pra você pagar o que deve e voltar, se quiser e se não quiser, <sup>m</sup> se manter <sup>ndo</sup> mais um mês até arranjar um emprego. Só eu, tenho que pagar mais do que a metade disso. Onde está o cheque?

ROSINHA ENTREGA O CHEQUE A MILTON QUE LOGO O ~~GUARDA NA CARTEIRA~~ EXAMINA E TIRA UMA CANETA DO BOLSO.

MILTON - Assina aqui que logo de tarde eu já vou receber, a gente já faz as contas e já vê quanto sobra.

ROSINHA ASSINA O CHEQUE. MILTON TEM UM AR CANALHA, ENQUANTO ELA ASSINA. RECEBE O CHEQUE E GUARDA-O NA CARTEIRA OU NO BOLSO.

CORTE

P.P. de MILTON, significativo

AFASTAMENTO até enquadrar ROSINHA

MILTON - Quer dizer que êste vai ser mesmo o último? Você não vai dar um jeito?

ROSINHA - Mas que jeito eu posso dar? Você parece que não está se apercebendo bem da situação, Milton?

MILTON - Eu estou. Você é que não está. Sabe que... sem gaita... nada feito?

ÁUDIO - ACORDE DE SUSTO

CORTE

P.P. de ROSINHA assustada.

AFASTAMENTO até enquadrar MILTON

ROSINHA - Milton! Que é que você quer dizer com isto?

MILTON - Que sem o que fala a verdade, filhinha... necas de casamento, tá?

MILTON LEVANTA E SAI DE QUADRO, MALANDRO.

APROXIMAÇÃO até G.P. de ROSINHA

ROSINHA - Não é verdade. Não pode ser verdade. Eu não me convenço que ele possa ser assim tão canalha. (desespero) Não pode ser! Não pode ser!...



FUSÃO com: G.P. de PALMIRA  
- SET DE RANCHO -

CORTE

P.P. de CLEMENTINO

AFASTAMENTO até P.M. da CENA •

ÁUDIO - PASSAGEM MUSICAL QUE SUGIRA DESESPERO.

•  
PALMIRA - Eu num achei direito vancê mandá chamá ele, minha fia. O home num qué, num qué e a muié num tem nada que andá correndo atraiz. Tem quê dá o valô, oriessa.

CLEMENTINO - Inda mais que ele agora tá noivo da Catarina e já vai se casa-se cum ela a sumana que vem. E a Catarina num é de brinquedo, Rosinha. Num se meta cum ela. É muié que já co rreu dois home do rancho, um de facão e otro de reio. Ela butô os dois a ~~exxêx~~ a dispará.

•  
PALMIRA - Óia, vancê falô no burro, as oreia apontô. Aí vem vindo ela.

ÁUDIO - ACORDE DE SUSTO.

ROSINHA QUE ESTÁ SENTADA NO BANCO LEVANTA BRUSCAMENTE. CATARINA ENTRA PELA CÂMERA.

CATARINA - Bastarde. Eu vim aqui pra trazê um recado que o Nacreto mandô. Ele disse pra mim que eu dissesse pra mecê que num diante mecê mandá chamá ele que ele num gosta de muié farsa, tá? E o resto, depois é cumigo.

CATARINA COSPE NOS PÉS DE ROSINHA QUE RECUSA RÁPIDA. LEVANTA A SAIA, EMPINA A CABEÇA.

CATARINA - Si mandá chamá ele otra veiz vai tê. Vorta pra lá pro teu armofadinha e deixa nós aqui, sinão... Eu sô danada de braba pra dismontá uma muié. E no más ... Arivedétes, como diz os ingreiz, tá?

CATARINA SAI POR ONDE ENTROU, MACHONA.



ROSINHA SE DEIXA CAIR NO BANCO E  
DEBATA A CHORAR, DESESPERADA. CLE  
MENTINO LEVANTA DE ONDE ESTÁ E VEM  
A ELA.

CORTE

P.A. de ROSINHA E CLEMENTINO.

CLEMENTINO - Tudo isso aconteceu, minha  
fia, sabe pru quê? Pruque mecê num andô  
dereita e Deus Nosso Sinhô num gosta que  
xege anssim. A moça deve de sê como a  
frô, minha fia, mas não essas frô que só  
tem beleza, mas que a gente chegá perto e  
num tem prifume. E mecê... é uma rosa sem  
prifume. É bão que mecê aprenda a lição  
e se arrependa, pra mode que otro home bão  
possa se chegá pra suncê, levado pelo pri  
fume do seu coração, e mecê num role de  
mão em mão, pra no fim sê pisoteada e mor  
rê amisturada com a lama do chão, como  
acontece sempre com as moça que veve enre  
dada na mintira, fingindo e enganando os  
otro. Deus Nosso Sinhô quiz le amostrá a  
vredada e Deus primita que mecê tenha  
aprinidido a lição.

CORTE.

DET de ROSINHA chorando.

APROXIMAÇÃO até G.P. de ROSINHA

ÁUDIO - SUFIXO MUSICAL

15º) - TV PIRATINI apresentou

16º) - em NOSSO TEATRINHO

17º) - UMA ROSA SEM PERFUME

18º) - ASSISTENTE ANTONIO R. FAGUNDES

19º) - SUITE JORGE TEIXEIRA

20º) - HISTÓRIA E REALIZAÇÃO DE ÉRICO CRAMER

ESCURECIMENTO.

ÁUDIO - DISSOLVE